

# CÔA VISÃO

17

Economia, Ciência e Cultura  
N.º 17. ANO 2015



Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa

ISSN 2245-9344

**CÔA** Economia,  
Ciência e Cultura  
**Visão**<sub>17</sub>

## **CÔAVISÃO 17**

### **COORDENAÇÃO**

José Manuel Costa Ribeiro  
António N. Sá Coixão

### **EDIÇÃO**

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa  
Praça do Município  
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

### **DESIGN GRÁFICO**

Jorge Davide Sampaio (Fundação Coa Parque)

### **IMPRESSÃO**

Côa Gráfica - Artes Gráficas, Lda.  
Vila Nova de Foz Côa

### **DEPÓSITO LEGAL**

978-972-872-8763-20-6

### **ISBN**

978-972-8763-23-7

### **TIRAGEM**

750 exemplares

### **CAPA**

Pendente perto da foz da ribeira de Piscos  
Fotografia de António Martinho Baptista

### **DATA DE EDIÇÃO**

Maio de 2015

### **PERIODICIDADE**

Anual

# Índice

PREFÁCIO	3
INTRODUÇÃO	5
OS COORDENADORES	
<b>ECONOMIA</b>	10
Falhas Institucionais e Científicas da Crise da Filoxera - 1863-1893	
El desarrollo de los ferrocarriles peninsulares transfronterizos con la provincia de salamanca	28
Usos e propriedades da amêndoa	36
Pensar no presente, o futuro do Parque Arqueológico/Museu do Côa no horizonte 2020	42
As pedreiras romanas do Salgueiro	94
Arte rupestre do castro de São Jurge - Ranhados (Mêda)	100
Glossário dos principais elementos característicos da estação arqueológica de Castanheiro do Vento (3º e 2º milénio a.c.)	108
Escavar para quê? Conhecer os artistas para compreender a arte do Côa	120
O Plano de Salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (PSP do AHBS),	132
<b>CIÊNCIA</b>	52
O Carril Mourisco	
O traçado romano de uma grande rota contemporânea	
As “estruturas circulares” em Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Exercícios descritivos e interpretativos da forma e da organização do espaço	80
<b>CULTURA</b>	171
Banda musical de Freixo de Numão – 1865 – 2015 150 ANOS AO SERVIÇO DA CULTURA	
Armando Martins Janeira e o pensamento colonial	181
Adventino Fachada, um artista da história local	183
Parque Arqueológico do Vale do Côa - Portefólio I	187
Criar destruindo: a arte de Vihils	245

## Criar destruindo: a arte de Vhils

Jorge Davide Sampaio\*

\*  
Fundação Coa  
Parque

O que têm de comum Nova Iorque, Londres e Foz Côa? Tirando a estreita ligação que na década de noventa o New York Times, o Times e a própria BBC estabeleceram com o mediático caso Côa nos seus tabloides, dificilmente lhes acharemos semelhanças. Mas, se percorrermos as suas ruas e estivermos atentos aos muros e paredes de edifícios devolutos, encontraremos a linha que as une. É uma linha com identidade muito própria, vincada a martelo e pólvora sobre betão, estuque ou argamassa, que resulta acima de tudo como um exercício estético livre, que pretende humanizar; dar vida a espaços vazios de significado; fundir-lhes um rosto anónimo esculpido à escala da paisagem que os envolve. Falamos, pois, de Vhils - o artista de rua que está a agitar a arte urbana com os “rostos” colossais esculpidos em paredes que tanto preencham o seu ideário.

Numa altura em que a arte contemporânea ganha por vezes contornos que roçam o vazio criativo, Vhils surpreende-nos nos sítios mais inesperados com o que de melhor se tem feito na street art. E a sua obra não precisa sequer de rótulos, legendas ou de visita guiada. Explorando técnicas que envolvem explosivos, aproveitando restos de cartazes e misturando grafitti ou simplesmente escavando paredes manual ou mecanicamente, Vhils remete-nos para uma arte muito concreta, que é simultaneamente cortante e comovente, primeiro pelo impacto assombroso da escala e depois pelo motivo em si: rostos, apenas rostos anónimos, outros habitantes que se levantam sobre o nublado betão, olhando-nos, querendo dizer que continuam ali, que são nossos vizinhos ou nossos familiares distantes e que estão ali para aquecer os espaços frios de vida em que por vezes se transformam as nossas cidades. É, pois, de devolver uma certa humanidade a estes espaços cinzentos que trata a arte escultórica de Vhils.

E é este ato criativo próximo das pessoas, fazendo uso de temas que valorizam a recuperação do indivíduo comum atualmente tão descurado face a um excesso de culto às celebridades, que torna a obra deste artista a quem a imprensa britânica já chamou de “o Banksy português”, objeto de reflexão e culto um pouco por todo o mundo, desde Moscovo até Bogotá, passando por Lisboa ou, recentemente, também Foz Côa (Rua do Castelo). Pese embora as diferenças de escala e tema, Foz Côa passou a poder partilhar desde o final de 2014, um trabalho de Vhils, no qual procurou reproduzir e cruzar gravuras de tempos pré-históricos e de tempos mais avançados, incluindo ícones representativos da nossa contemporaneidade. Mas não encontramos nesta obra a matéria admirável quando pensamos na escala ou no familiar povoamento urbano de rosto pelos quais ficou conhecido. O que encontramos é um registo adaptado ao Côa, por incluir gravuras mas sem deixar de abordar temas prementes, como sejam o tempo, a comunicação e o consumo, verdadeiras obsessões das sociedades contemporâneas. Trata-se, pois, tão só de uma reflexão sobre os tempos e os modos: o nosso e o dos nossos antepassados que há 25 000 tiveram nas margens do Côa o primeiro impulso para marcar solidamente o pensamento.

VHILS  
STUDIO  
-  
PRESS

## Depoimento sobre intervenção em Foz Côa

Alexandre Farto - AKA Vhils\*

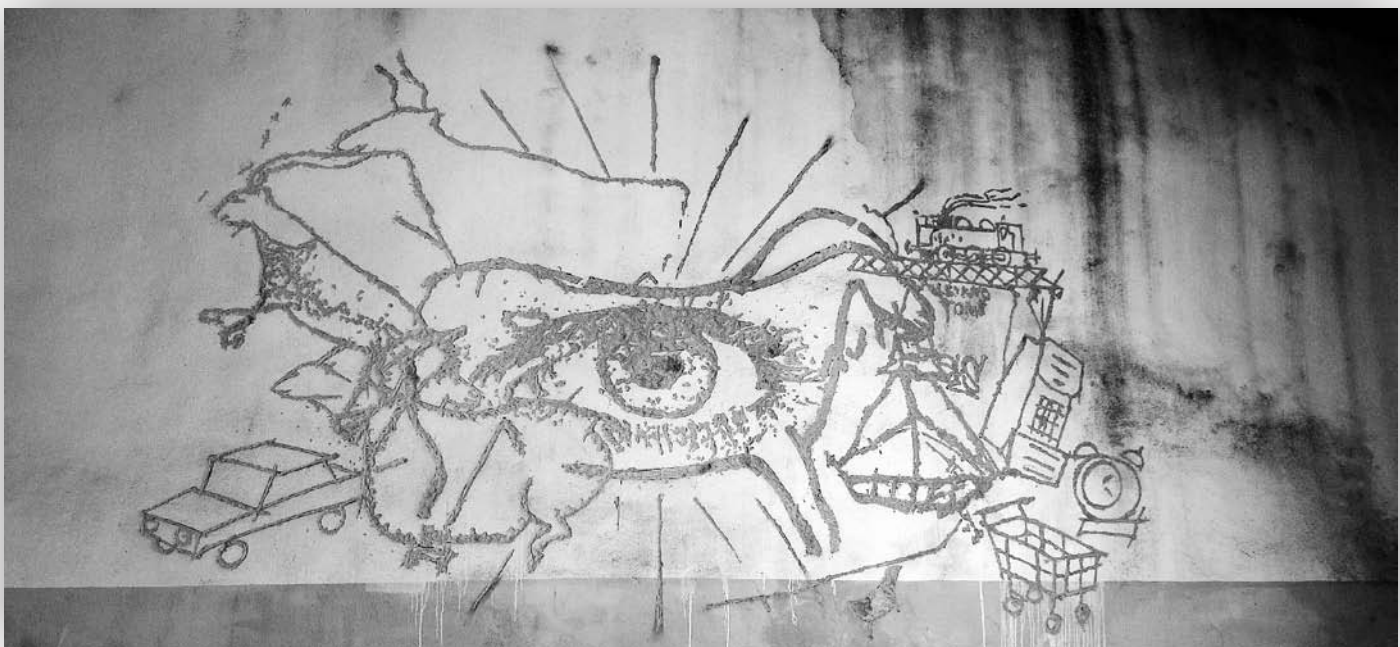
A ideia desta intervenção em Foz Côa foi a de estabelecer um paralelismo entre a realidade retratada nas gravuras durante o período pré-histórico e aquilo que hipoteticamente poderia ser retratado nos dias de hoje. Deste modo, estas novas gravuras apresentam objetos contemporâneos que exprimem aquilo que seriam as preocupações materiais do presente: carros, telemóveis, carrinhos de compras, etc. Isto com o objetivo de levantar algumas questões em relação ao mundo contemporâneo e aquilo que o define e o representa. Se o tivéssemos de retratar nos mesmos moldes, seria talvez esta a realidade que ficaria gravada nas rochas do Vale do Côa.

A intervenção estabelece igualmente um paralelismo entre a arte rupestre do paleolítico e o graffiti praticado nas cidades de hoje, sublinhando o valor do enquadramento contemporâneo de cada uma destas formas de expressão visual.

[www.alexandrefarto.com](http://www.alexandrefarto.com)

\*

Alexandre Farto (1987), tem desenvolvido um caminho ímpar na cena da arte urbana internacional. Começou a interagir com o meio urbano sob o nome de Vhils através da prática do graffiti no começo da década de 2000. Foi fortemente influenciado pelas transformações decorrentes do intenso desenvolvimento urbano que Portugal sofreu nas décadas de 1980 e 1990. Começou a trabalhar com a técnica do stencil e suportes não convencionais por volta de 2004, assim como a expor o seu trabalho com o colectivo VSP. Em 2006 juntou-se à prestigiada Vera Cortês Art Agency, que levou à sua participação em várias exposições colectivas e à sua primeira individual no mesmo ano. Mudou-se para Londres em 2007 para estudar na University of the Arts (Central St Martins College of Art and Design). Em 2008 participou no Cans Festival, em Londres, onde a sua inovadora técnica de escavação – que forma a base do projecto “Scratching the Surface” – foi exposta a um público internacional pela primeira vez, tendo sido aclamada pela crítica. Tem apresentado o seu trabalho em eventos, exposições individuais e colectivas, e intervenções site-specific à volta do mundo desde então. Um ávido experimentalista, tem desenvolvido a sua estética do vandalismo numa multiplicidade de suportes – da pintura em stencil à escavação de paredes, de explosões pirotécnicas à modelação 3D – expandindo os limites da expressão visual. Vhils trabalha actualmente com a Vera Cortês Art Agency (Portugal), Lazarides Gallery (Reino Unido), e Magda Danysz Gallery (França e China). Está representado em diversas colecções públicas e privadas em vários países.



Intervenção escultórica de Alexandre Farto na Rua do Castelo (Vila Nova de Foz Coa)